

A LÍNGUA DE GIL VICENTE: UMA DESCRIÇÃO DETALHADA DOS CLÍTICOS NO AUTO DA FEIRA

Gabriela Santos Barros¹, Cristiane dos Santos Namiuti²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a relação entre a sintaxe dos pronomes clíticos e o estatuto gramatical dessa sintaxe presente no auto Pastoral Português, peça teatral de Gil Vicente representado ao rei D. João III, na cidade de Lisboa, no Natal de 1526. O teatro de Gil Vicente configura-se um local privilegiado para se investigar as possibilidades de variação entre gramáticas, visto que retrata a fala de personagens de distintos estratos sociais, incluindo camadas mais populares da sociedade portuguesa quinhentista, possibilitando assim investigar a variação da sintaxe dos clíticos no Português Clássico, contribuindo com a pesquisa sobre as gramáticas que figuraram na diacronia da língua. Verificamos que a colocação de clíticos na peça do teatro Vicentino é predominantemente proclítica nos contextos de variação I e enclítica nos contextos de variação II, resultado que corrobora a hipótese de Namiuti e Cruz (2023), preconizada em Galves (2015).

PALAVRAS-CHAVE: Gramática, Português Clássico, Pronomes Clíticos.

THE LANGUAGE OF GIL VICENTE: A DETAILED DESCRIPTION OF THE CLITICS IN THE AUTO DA FEIRA

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the relationship between the syntax of clitic pronouns and the grammatical status of this syntax in the Portuguese auto Pastoral, a play by Gil Vicente performed for King João III in Lisbon at Christmas 1526. Gil Vicente's play is a privileged place to investigate the possibilities of variation between grammars, since it portrays the speech of characters from different social strata, including more popular layers of 16th century Portuguese society, thus making it possible to investigate the variation of clitic syntax in Classical Portuguese, contributing to research on the grammars that appeared in the diachrony of the language. We found that the placement of clitics in the Vicentino play is predominantly proclitic in variation I contexts and enclitic in variation II contexts, a result that corroborates the hypothesis of Namiuti and Cruz (2023), recommended in Galves (2015).

KEYWORDS: Classic Portuguese, Clitic Pronouns, Grammar.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vincula-se a um projeto maior denominado “Sintaxe diacrônica em corpus eletrônico: do português pré-clássico às variantes modernas”, o

¹ Aluna do Curso de Letras Modernas da UESB, bolsista CNPq de Iniciação Científica

² Professora do DELL – Departamento de Estudos Linguísticos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

qual vem sendo desenvolvido no Lapelinc³, e dá continuidade à vertente linguística desse projeto temático, mais especificamente à pesquisa em Sintaxe, em diálogo com a Linguística de Corpus.

Em “A Língua de Gil Vicente” Teyssier (2005) enfatiza a relevância que os diferentes personagens de Gil Vicente têm para a investigação sobre a língua, uma vez que os traços linguísticos dos figurados contribuí para a testagem de inúmeras hipóteses acerca da(s) gramática(s) que subjazem a língua no Português Clássico e sua relação com a variação Linguística. Conforme aponta Martins (2011), o teatro vicentino, de maneira geral, apresenta uma alta frequência de ênclise, lançando a hipótese de uma gramática popular distinta da que subjaz os demais textos literários da época. O levantamento de Martins contraria o padrão proclítico encontrado por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) nos demais textos do período.

Namiuti e Cruz (2022) analisaram a variação de ênclise e próclise em dois autos Vicentinos, “A Barca do Inferno” e o “Auto da Freira”, e verificaram que as frequências de ênclise e próclise não são afetadas pelo fator social, mas sim pelo fator sintático.

Neste trabalho serão apresentados os resultados da investigação da colocação de clíticos no Auto da Barca apresentado ao rei D. João III, na cidade de Lisboa, no Natal de 1526.

MATERIAIS E MÉTODOS

Com o intuito de conhecer e discutir melhor a obra de Gil Vicente e o referencial teórico essencial para a pesquisa de iniciação científica, a metodologia do trabalho envolveu a participação em reuniões para leitura e discussão do material teórico para iniciarmos o trabalho.

Para levantamento dos dados, foi utilizada o Corpus Histórico de Português Anotado Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>), o qual disponibiliza uma transcrição fidedigna do teatro de Gil Vicente, inclusive do Auto da Feira, objeto de estudo deste trabalho. Os dados A tipo de predicado; (7) modo verbal. Os contextos sintáticos foram classificados em relação a possibilidade de variação da colocação do pronome átono em:

Contextos categóricos de próclise: Orações subordinadas e orações principais introduzidas por advérbios proclisadores.

Contextos categóricos de ênclise: Orações com o verbo em primeira posição absoluta.

³ Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus coordenado pelos professores Cristiane Namiuti (PPGLin/UESB) e Jorge Viana (PPGLin/UESB).

Contextos de Variação I: Orações principais introduzidas por sujeito neutro, adjuntos, advérbios que permitem a variação de objetos fronteados.

Contexto de Variação II: Orações coordenadas introduzidas somente pela conjunção coordenativa e orações principais ou coordenadas introduzidas por oração adjunta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram atestados no Auto da Feira 109 dados com clíticos acusativos e dativos de primeira, segunda e terceira pessoa nas falas das personagens do auto. Considerando números absolutos, ainda sem separação por contexto, a colocação de clíticos no Auto da Feira é bastante proclítica, atesta-se 74 casos de próclise e 35 casos de ênclise. Todavia há entre os dados contextos categóricos Tanto de próclise quanto de ênclise. Há apenas 16 dados de próclise e 7 dados de ênclise em contexto de variação.

Logo abaixo são apresentadas algumas das falas extraídas do Auto da Feira diretamente do Corpus Tycho Brahe. Em (1) atesta-se é um caso de próclise, em que o pronome fica antes do verbo conjugado na 3ª pessoa do singular, em oração subordinada, contexto de próclise categórica na fala do personagem Amâncio Vaz, um lavrador. Em (2) há um caso de ênclise categórica, fala da personagem Branca Anes, também uma lavradora/camponesa. As falas transcritas em (4) e (5), do personagem alegórico Mercúrio, trazem respectivamente um caso de próclise e outro de ênclise em orações raízes introduzidas por constituinte sujeito, contexto de variação I. O dado em (6) é um caso de ênclise em contexto de variação II e o dado (7) um caso de próclise nesse contexto.

(1) *que **te castigue** de sorte (Amâncio Vaz)*

(3) *Não sabemos nós qu'ê isso: **dai-o** (Branca Anes)*

(4) *ele **te toucarás** porque vives mal toucada (Mercurio)*

(5) *e quem muito quiser ter **cumpre-lhe** de ser primeiro (Mercurio)*

(6) *e **podes-te** ir muit' embora (Mercurio)*

(7) *Inda que mais não levara // desta feira em extremo // **Me alegrara** e descansara (Branca Alves)*

Conforme demonstram as tabelas 1 e 2, a próclise é predominante nos contextos de variação I com frequência de 0,93 e a ênclise é predominante no contexto de variação II, com frequência de 0,67.

Observe as tabelas a seguir.

TABELA 1: Posição do clítico em contexto de variação I.

POSIÇÃO DO CLÍTICO EM CONTEXTO DE VARIAÇÃO I	OCORRENCIAS	FREQUENCIA
PRÓCLISE EM CONTEXTO DE VARIAÇÃO I	14	0,93
ENCLISE EM CONTEXTO DE VARIAÇÃO I	1	0,07
TOTAL DE ENCLISE E PROCLISE EM CONTEXTO DE VARIAÇÃO I	15	

Fonte: elaboração própria

TABELA 2: Posição do clítico em contexto de variação II.

POSIÇÃO DO CLÍTICO EM CONTEXTO DE VARIAÇÃO II	OCORRENCIAS	FREQUENCIA
PRÓCLISE EM CONTEXTO DE VARIAÇÃO II	2	0,25
ENCLISE EM CONTEXTO DE VARIAÇÃO II	6	0,75
TOTAL DE ENCLISE E PROCLISE EM CONTEXTO DE VARIAÇÃO II	9	

Fonte: elaboração própria.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Os resultados aqui encontrados corroboram a hipótese de Namiuti e Cruz (2023) e Galves (2015). Os resultados deste estudo sugerem uma língua popular proclítica com predominância de próclise nos contextos de variação I e favorecimento da ênclise no contexto de variação II, aproximando esta variedade da língua à variedade dos autores portugueses expressa nas obras literárias da época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GALVES, Charlotte Marie Chambelland. A ênclise no português clássico. Variação, gramática e uso. In: Cristina Figueiredo; Edivalda Araújo. (Orgs.). Diálogos com Ribeiro. Sobre gramática e história da língua portuguesa. 1ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015, p. 61-77

2. GALVES, Charlotte Marie Chambelland., NAMIUTI, Cristiane. & PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Novas Perspectivas para antigas questões: A periodização do português revisitada. Em: A. Endruschat R. kemmler e B.Schäfer-Prieß (Orgs): Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchrone und diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.
3. MARTINS, Ana Maria. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino. Estudos de lingüística galega, v. 3, 2011.
4. NAMIUTI, Cristiane. Aspectos da história gramatical do português. Interpolação, Negação e Mudança.(Tese de Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
5. NAMIUTI, Cristiane; CRUZ, Raiana Cristina Dias. O estatuto gramatical da sintaxe dos clíticos em dois autos do Teatro de Gil Vicente: competição de gramáticas ou questões de interface? In: Namiuti, Cristiane; Gonçalves, Elisângela (orgs), Morfologia, Sintaxe e Interfaces, Pontes. 2022, no prelo.
6. TEYSSIER, Paul. A língua de Gil Vicente. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa, 2005.
7. MENDES, Iba. Gil Vicente Auto da Feira. Projeto Livro Livre. 2ª edição - São Paulo, 2018.